

**MIRIAM FIDELIS SILVA SANTOS**

**Identidade, Ciência, Pensamento Decolonial e Aquilombamento: A  
Escrevivência de uma Mulher Negra no Curso de Ciências Biológicas**

**UBERLÂNDIA**

**2023**

**Universidade Federal de Uberlândia**

**MIRIAM FIDELIS SILVA SANTOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
à Universidade Federal de Uberlândia, para  
obtenção do título de Licenciatura e  
Bacharelado, sob orientação da Profa. Dra.  
Lúcia Estevinho.

**Uberlândia**

**2023**

## **AGRADECIMENTOS**

Expresso meus agradecimentos a todas as pessoas que contribuíram para a realização desta narrativa, que vivenciaram e construíram junto em minha trajetória acadêmica.

Primeiramente, agradeço a minha família pelo incentivo constante durante todo o período de estudo. Suas palavras de encorajamento foram essenciais para que eu pudesse superar os desafios.

Agradeço as amizades que construí durante a minha trajetória, Jenyffer Martins, Karen Marques, Eduardo Buiatti, Thales Nunes, Welder Andrade e Tarcio Camargos. E também as amizades que permanecem ao meu desde antes do ingresso à graduação: Danillo Cristian, Luís Antônio, Larissa Helena e minha companheira Shayane Vitoria.

Não poderia deixar de agradecer ao Movimento Escoteiro, que fez parte de minha vida de forma significativa e a todos integrantes, em particular, Chefe Ana Paula e Chefe Cristiano que foram o diferencial na minha jornada pessoal.

Sou imensamente grata a quem esteve presente durante minha presença nos grupos: Diretório Acadêmico Charles Darwin - DACD e do PET - Biologia, que desempenharam um papel importante no auxílio das propostas que realizei bem como troca de vivências importantes para minha formação.

Na minha trajetória política, tive a oportunidade de engajar-me ativamente na juventude organizada, sendo parte dos movimentos Movimento Enfrente e Levante Popular da Juventude. Expresso aqui minha gratidão aos membros dessas organizações por proporcionarem inúmeros momentos de luta e construção política.

Agradeço às artistas Rihanna e Beyoncé por terem me inspirado em momentos importantes em minha vida.

Agradeço à minha orientadora Profa. Dra. Lúcia de Fátima Dinelli Estevinho, pela orientação dedicada e valiosas sugestões ao longo de todo o processo.

Agradeço também à banca examinadora, Profa. Dra. Jane Maria dos Santos Reis e Me. Keyme Gomes Lourenço por dedicar seu tempo na avaliação deste trabalho. E para, além disso, foram grandes inspirações durante minha caminhada.

## **RESUMO**

Neste trabalho acadêmico, a escrevivência é explorada como uma abordagem metodológica para compreender a trajetória de uma mulher negra no curso de Ciências Biológicas e as questões que atravessaram esse momento. Ao longo da narrativa discuto minha entrada na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e destaco a importância da representatividade e identidade negra nesse processo. Após apresentar reflexões sobre o reconhecimento do potencial na graduação por meio da participação ativa na realização de atividades com enfoque antirracista a narrativa explora a importância da inclusão de temáticas étnico-raciais no ensino, pesquisa e extensão. É destacado o conceito de quilombamento como elemento central na construção da identidade negra coletiva. Além disso, são exemplificados os benefícios da busca pela decolonização para a execução de ideias embasadas em reflexões e práticas. Através da escrevivência, percebe-se uma compreensão mais profunda da própria identidade e a identificação de transformações necessárias no campo científico. Este estudo contribui para uma reflexão sobre a importância da valorização da diversidade étnico-racial no contexto acadêmico e para a promoção afrocentradas e decoloniais.

**Palavras chave:** Escrevivência; Identidade negra; Trajetória Acadêmica.

## **RESUMEN**

En este trabajo académico se explora la *escrevivência* como abordaje metodológico para comprender la trayectoria de una mujer negra en la carrera de Ciencias Biológicas y las problemáticas que atravesaron ese momento. A lo largo de la narración, discuto mi ingreso a la Universidad Federal de Uberlândia (UFU) y destaco la importancia de la representatividad y la identidad negra en este proceso. Luego de presentar reflexiones sobre el reconocimiento de potencialidades en la graduación a través de la participación activa en la realización de actividades con enfoque antirracista, la narrativa explora la importancia de incluir temas étnico-raciales en la docencia, la investigación y la extensión. Se destaca el concepto de *aquilombamento* como elemento central en la construcción de la identidad negra colectiva. Además, se ejemplifican los beneficios de la búsqueda de la descolonización para la implementación de ideas a partir de reflexiones y prácticas. A través de la escritura se percibe una comprensión más profunda de la propia identidad y la identificación de transformaciones necesarias en el campo científico. Este estudio contribuye a una reflexión sobre la importancia de valorar la diversidad étnico-racial en el contexto académico y promover prácticas afrocentradas y decoloniales.

**Palabras llave: *Escrevivência*; identidad negra; Trayectoria Académic**

|   |           |
|---|-----------|
| <b>Sumário</b>  |           |
| <b>I - ESCREVIVÊNCIA.....</b>   | <b>6</b>  |
| <b>II: INGRESSO NA UNIVERSIDADE, REPRESENTATIVIDADE E IDENTIDADE NEGRA.....</b>                             | <b>8</b>  |
| Ingresso na universidade.....   | 8         |
| Sentimento de não pertencimento a UFU.....  | 11        |
| A Potência da Representatividade Negra na Sociedade.....  | 15        |
| Meus crespos, minha identidade.....   | 17        |
| O cabelo crespo e a afirmação da negritude.....   | 18        |
| Viagem para Salvador - BA.....  | 19        |
| Ela encontrou uma Mulher Negra - Crônica.....   | 22        |
| Reconhecendo meu Potencial na Educação.....   | 25        |
| <b>III - DESCOBRINDO MEU POTENCIAL NA GRADUAÇÃO E PARTICIPAÇÃO EM GRUPOS ACADÊMICOS.....</b>                | <b>27</b> |
| Decolonizando o PET Biologia.....   | 28        |
| Palestra: Mulheres Negras Na Ciência - Uma Luta Histórica.....  | 29        |
| Palestra: Racismo - Um Sistema Opressor Enraizado Na Sociedade.....   | 30        |
| PET LÊ – Rodas de leitura ao ar livre.....  | 31        |
| Produções durante a pandemia de COVID - 19.....   | 32        |
| Educação Quilombola - Metodologia do Ensino.....  | 33        |
| <b>INGRESSO NO DACD.....</b>  | <b>34</b> |
| Encontro JELI - Preto É Preto Todo o Tempo, Não Só Em Novembro.....   | 34        |
| 2º ENCONTRO JELI: novembro não é só racismo, é também racialidade. Nós queremos saúde, diversão e arte..... | 35        |
| <b>IV: PENSAMENTO DECOLONIAL E AQUILOMBAMENTO.....</b>  | <b>38</b> |
| Uma pesquisa em movimento!.....   | 38        |
| Pensamento Decolonial.....  | 39        |
| Aquilombar é decolonizar.....   | 40        |
| Nave Preta – É Tempo De Aquilombar.....   | 41        |
| Festival JELI: resgatando nossa história, fortalecendo nossa identidade.....                                | 41        |
| <b>DISCUSSÃO.....</b>   | <b>43</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>   | <b>44</b> |

## I - ESCRIVIVÊNCIA

A construção linguística da palavra *escrevivência*, cunhada em 1994 por Conceição Evaristo durante sua pesquisa de mestrado na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), surge a partir da interação entre as palavras "escrever" e "viver", "se ver". Evocando uma genealogia histórica, a *escrevivência* subverte a narrativa de um passado em que as mulheres negras escravizadas eram compelidas a contar histórias de ninar os da casa-grande. A partir do argumento de que a *escrevivência*, com sua perspectiva, não surge de forma espontânea, Conceição Evaristo proporciona uma reflexão profunda sobre a escrita negra e feminina:

Em síntese, quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvencilho de um „corpo-mulher-negra em vivência” e que por ser esse „o meu corpo, e não outro”, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta (EVARISTO, 2009a, p.18).

Podendo ser compreendida para além de um conceito literário, a *escrevivência* pode ser utilizada como uma metodologia de pesquisa e expressão, aplicadas a experiências de grupos silenciados. Nessa abordagem, a *escrevivência* é utilizada como uma ferramenta para explorar e documentar vivências, subjetividades e enfrentamentos de opressões, permitindo que as vozes e perspectivas desses grupos sejam valorizadas e compartilhadas. Através da escrita e da reflexão crítica, a metodologia da *escrevivência* possibilita reconstruir narrativas autênticas, promover a representatividade e o fortalecimento das identidades desses sujeitos.

Como mulher negra no curso de ciências biológicas, encontrei na escrita uma forma de expressar minhas vivências e compartilhar minhas reflexões com o mundo. Ao me deparar com o desafio de escolher um tema para o meu trabalho final de curso, o TCC, senti a necessidade de abordar algo que fosse além dos muros da academia, algo que pudesse atravessar outras pessoas e despertar nelas o compromisso pela mudança. Inspirada pelas palavras de bell hooks, uma teórica feminista dos Estados Unidos, o trabalho intelectual entre mulheres negras envolve enfrentar realidades distintas e, frequentemente, difíceis como a constatação

contínua da dominação e opressão sofridas por seu povo, bem como um sentimento de isolamento dentro da própria comunidade. No entanto, hooks enfatiza que quando o trabalho intelectual surge a partir de uma preocupação com a mudança social e política radical, quando é direcionado às necessidades das pessoas, ele nos conecta a uma solidariedade e comunidade mais amplas, e fundamentalmente enaltece a vida (HOOKS, 1995, p. 477).

Decidi utilizar a escrevivência como base para o meu trabalho, corajosamente resgatando histórias silenciadas e expressando as complexidades e desafios que enfrentei como mulher negra na sociedade e na universidade. Através da minha escrita, criei um diálogo entre as vivências pessoais e as lutas coletivas da comunidade negra, desnaturalizando discursos hegemônicos. Minha trajetória na Ciência e Educação como mulher preta traz visibilidade para um grupo historicamente silenciado, rompendo estereótipos e preconceitos, enquanto minha pesquisa revela as desigualdades estruturais presentes na academia e na sociedade, estimulando a reflexão sobre as relações de poder que perpetuam essas desigualdades. Além disso, identifiquei e fortaleci algumas redes de apoio fundamentais, mostrando como podem ser ampliadas para outras pessoas negras.

Ao longo deste trabalho, utilizo a escrevivência como uma abordagem metodológica para a compreensão da minha trajetória no curso de Ciências Biológicas sendo mulher negra e as questões que me atravessaram.

No Capítulo II, analiso meu ingresso na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e a importância da representatividade e identidade negra nesse processo.

No Capítulo III trouxe reflexões sobre como reconheci meu potencial na graduação, destacando minha participação em entidades acadêmicas realizando ações que visavam promover uma formação e atuação docente com potencial antirracista.

Por fim, no Capítulo IV, descrevo como podemos utilizar temáticas étnico-raciais nas dimensões de ensino, pesquisa e extensão, e como o aquilombamento tornou-se possível e necessário, na construção de identidade negra empoderada. Além disso, exemplifico como a busca pela decolonização foi fundamental para executar minhas ideias obtidas por reflexões e práticas nesses contextos. A escrevivência permeou meu percurso acadêmico, possibilitando-me uma compreensão mais profunda sobre minha identidade, a importância da representatividade negra e as transformações necessárias no campo científico.

## **II: INGRESSO NA UNIVERSIDADE, REPRESENTATIVIDADE E IDENTIDADE NEGRA**

### **Ingresso na universidade**

Desejando explorar e aprender sobre a Biodiversidade, me inscrevi no Vestibular do primeiro semestre de 2016. Escolhi o curso de Ciências Biológicas, Bacharelado, na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) - Campus Umuarama. Queria me tornar uma pesquisadora na área da preservação e conservação ambiental, esperava mergulhar fundo nos mistérios da natureza e fazer descobertas que pudessem contribuir para o avanço científico.

Um dos motivos pelo qual escolhi cursar Ciências Biológicas foi após minha vivência no Movimento Escoteiro. Tive a oportunidade de ter contato direto com a natureza, acampando e fazendo trilhas. Essas experiências despertaram uma profunda conexão com o meio ambiente e surgiu a necessidade de estudar e conhecer mais sobre a biodiversidade, bem como contribuir para sua preservação. Entre as minhas incertezas, pensei que escolher um curso com áreas amplas facilitaria a decisão de uma carreira a seguir. Imaginava que teria muitas oportunidades e me tornaria uma cientista incrível.

Ingressei como cotista PPI, testemunhar a comemoração dos 10 anos da Lei de Cotas, em 2022, me encheu de motivação. Essa política afirmativa transformou vidas de maneiras imensuráveis. Antes da sua criação, o acesso ao Ensino Superior parecia um sonho distante, cercado por limitações impostas pelo racismo estrutural. No entanto, a Lei N° 12.711 de 2012 abriu as portas proporcionando uma oportunidade de crescimento e desenvolvimento acadêmico.

Embora tenhamos alcançado um marco significativo com a celebração dos 10 anos da Lei de Cotas, entendo que ainda há muito trabalho a ser feito. O racismo estrutural persiste, e enquanto houver desigualdade de tratamento para pessoas negras, devemos continuar lutando por uma equidade real de condições.

A Lei de Cotas é uma política em curso, e seu propósito é permanecer em vigor até que o racismo seja erradicado e a reparação histórica seja verdadeiramente alcançada. Após 4 séculos de escravidão e 135 anos desde a abolição, os 10 anos iniciais da lei de cotas mostra que é apenas o começo de uma jornada de reparação histórica.

Em julho de 2016, iniciei meu primeiro semestre como estudante na UFU,

concretizando um objetivo que almejava há muito tempo: cursar o ensino superior. Sentia uma mistura de nervosismo, animação e, ao mesmo tempo, um sentimento de deslocamento, logo percebi um dos motivos. Dia após dia, os mesmos questionamentos: Por que a maioria das pessoas pretas nesse ambiente está em papéis subalternos? Por que não tenho professores que me representam? Por que dentre os 5 cotistas preto só me reconheço em duas delas? Por que não aprendo sobre Cientistas e Ciências de África? São muitos questionamentos, poucas explicações. Onde eu poderia encontrar essas respostas? Falaremos sobre isso nas disciplinas? Questionava-me sobre o motivo da universidade, um ambiente repleto de possibilidades, não ser representativo e ser permeado pela Colonialidade?

Para compreender esses questionamentos, busquei aprender sobre os aspectos históricos da História do Brasil, as palavras da Mc Carol na música "Não foi Cabral" ecoaram em minha mente. Em um trecho, ela canta:

Pedro Álvares Cabral chegou vinte e dois de abril  
Depois colonizou, chamando de Pau-Brasil  
Ninguém trouxe família, muito menos filho  
Porque já sabia que ia matar vários índios  
Treze caravelas trouxe muita morte  
Um milhão de índio morreu de tuberculose  
Falando de sofrimento dos tupis e guaranis  
Lembrei do guerreiro Quilombo Zumbi  
Zumbi dos Palmares  
Vítima de uma emboscada  
Se não fosse a Dandara  
Eu levava chicotada  
[...]"

Mc Carol, 2015.

A entonação de resistência que à letra da música "Não foi Cabral" manifesta um teor subversivo e questionador do descobrimento do Brasil, destacando a existência prévia dos povos indígenas e da cultura negra do país advinda junto com os negros escravizados. Rompe com estruturas falhas que encontramos nos currículos educacionais, visto que a história é abordada sob uma ótica eurocêntrica. Compreender esse aspecto expandiu meu conhecimento sobre a gravidade por

conta da ausência de uma reparação histórica efetiva de fato.

As primeiras universidades no Brasil que surgiram na década de 30 reproduzem a Colonialidade do poder/saber de diversas formas. Tais instituições utilizam as universidades europeias modernas como referência na organização do conhecimento, negligenciando e desvalorizando os saberes negros e indígenas, estabelecendo uma hierarquia epistemológica que favorece o sujeito branco.

No final do século XX e no início do século XXI os movimentos negros passaram a se envolver na disputa pela presença na universidade brasileira, pois até então, esse espaço era dominado por brasileiros brancos e mestiços, que se identificavam, tanto em termos étnico-raciais e socioeconômicos quanto em termos epistemológicos, com a ascendência europeia. A partir dos anos 2000, diversos movimentos de estudantes e professores negros surgiram, exigindo políticas estatais para aumentar o acesso de negros, negras, indígenas e quilombolas às universidades. Com a entrada desses grupos nas instituições de ensino superior no Brasil, a questão da descolonização do conhecimento acadêmico passou a ser uma pauta importante (Silva, 2018).

O trecho a seguir faz parte do discurso que Sojourner Truth realizou na intervenção na Convenção dos Direitos das Mulheres “Women' s Rights Convention” em Akron, Ohio, Estados Unidos, em 1851. Intitulado como “Eu não sou uma mulher?”.

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! (Sojourner Truth, 1851).

Truth faz uma crítica contundente à invisibilidade da mulher negra, inclusive dentro do próprio movimento feminista. Essa invisibilidade é explicada por Lorde, pois: “Ainda que compartilhem o fato de serem mulheres, as mulheres não vivenciam as mesmas opressões, pois “para além da irmandade, ainda existe o racismo” (LORDE, 2020, p. 89)”.

Embora tenham se passado quase 200 anos desde então, a realidade enfrentada pelas mulheres negras, continuam sendo as principais vítimas do feminicídio e de diversas formas de violência, além de enfrentarem uma disparidade salarial significativa em relação a outros grupos.

As ausências começaram a se tornar evidentes e a afetar minhas perspectivas sobre a universidade, à medida que minha jornada avançava.. Comecei a experimentar um sentimento de não pertencimento, não me via na Ciência e em todos os espaços da universidade.

### **Sentimento de não pertencimento a UFU**

Na universidade, pude reconhecer claramente a hierarquia racial que permeia o ambiente acadêmico. As poucas representações negras nos espaços de poder e as sutis manifestações de preconceito reforçaram a sensação de estar à margem. Na visão das periferias e das insurgências que emergem delas, Grada Kilomba (2019), uma escritora e artista interdisciplinar portuguesa, utiliza os conceitos de bell hooks, para abordar a margem e o centro. Para bell hooks, "estar na margem é ser parte do todo, mas fora do corpo principal" (2019, p. 67).

Além disso, ela complementa afirmando que "a margem não deve ser encarada apenas como um espaço periférico marcado por perda e privação, mas sim como um espaço de resistência e possibilidade" (2019, p. 68). Em outras palavras, a situação de escassez em várias áreas também pode ser um local de poder, pois, como a autora resume, a opressão cria as condições para a resistência.

No entanto, essa consciência despertou em mim uma determinação ainda maior em desafiar essas estruturas. Estou sendo muito resistente? Ao refletir sobre minha vivência acadêmica, fiz esse questionamento. Parece que consegui ultrapassar tantas barreiras, mas me encontro no ponto de partida. Mas não estamos sempre em algum ponto de partida?

Enquanto eu caminho por esse labirinto de experiências acadêmicas, sinto-me perdida em meio a um mar de incertezas e im(possibilidades). A escassez de representatividade, oportunidades limitadas e a sensação de não pertencer estão sempre presentes. No entanto, agora percebo que essa própria situação, apesar de opressora, é um local de poder.

As ausências criam uma atmosfera propícia para a resistência. É quando a

escassez é mais intensa que a luta se torna mais urgente. É como se a opressão acendesse uma chama dentro de mim, uma determinação feroz de desafiar as estruturas que me cercam. Cada barreira rompida apenas fortalece minha convicção de que posso alcançar mais e superar as limitações impostas. Hoje, minha motivação é criar espaços enriquecedores para que as próximas gerações tenham mais oportunidades de se fortalecerem coletivamente.

Será que minhas ações estão realmente desafiando as estruturas de poder? Esses questionamentos me acompanham enquanto percorro minha jornada acadêmica. O movimento é constante, somos seres em constante transformação. Meu percurso acadêmico não segue um padrão linear, mas sim um movimento complexo, circular, perpendicular e espacial. Há momentos em que meu movimento não se refere apenas ao deslocamento físico, mas sim às mudanças internas, às transformações de pensamento e perspectiva. Não conseguia nomear ou identificar a origem dessas ausências, mas foi após muito diálogo, desconstrução de epistemologias eurocêntricas e fortalecimento coletivo, que compreendi a Colonialidade na universidade.

As Colonialidades na universidade são estruturas que perpetuam a dominação eurocêntrica e a exclusão de pessoas negras e minorias étnico-raciais nas instituições acadêmicas. “As estruturas coloniais na academia englobam a falta de diversidade no corpo docente e discente, a ausência de perspectivas não eurocêntricas nos currículos e nas pesquisas, além da valorização da objetividade e neutralidade como características essenciais do conhecimento acadêmico. Essas estruturas têm um impacto negativo na experiência acadêmica das pessoas negras, resultando em desafios como a falta de referências e mentores que compartilhem suas experiências, baixa representatividade e apoio emocional, pressão para se adequar a padrões brancos dominantes e menos oportunidades de acesso a recursos financeiros e reconhecimento acadêmico”. (Quijano, 2000, pp. 201-246)

Vivenciei a dolorosa realidade da violência simbólica durante minha trajetória na universidade e se manifestou por meio de gestos, palavras e atitudes consideradas sutis, mas profundamente prejudiciais, que perpetuaram atitudes negativas minando minha autoestima e senso de pertencimento. Essa violência simbólica é devastadora, pois não aceita minha identidade, desvaloriza minha

presença e reforça a hierarquia racial opressiva.

Percebi que eu não conseguia ouvir o som da minha voz e não sabia o significado das palavras que queria dizer. Ao ler o poema “Vozes - Mulheres” de Conceição Evaristo, consegui identificar um dos motivos:



Figura 1: Arte desenvolvida para fins didáticos.

Neste trecho, destaca-se a maneira que as vozes das mulheres pretas e de nossas ancestrais ecoam através das gerações, carregando marcas da escravidão, da opressão e das disparidades sociais. Compartilhando a mesma reflexão e vivência da escritora Jéssica Luana, em sua narrativa enviada ao Portal Geledés:

Sempre fui uma criança muito silenciosa. O meu “não dizer” representou e ainda representa um grande emaranhado de questões e conflitos internos profundos. Perceber-se na falta de discurso e dizer-se em voz alta é um ato de rompimento dificultoso, que ocupa a vida de muitas mulheres negras. Nos espaços de silêncios, em algum momento, todo o “não dito” vem, se arrasta conosco e é realmente devastador como o “calado” pode sufocar profundamente, afetar seu corpo, mente e existência. O racismo opera em nós de formas distintas em cada espaço afetivo, interno e pessoal. A ótica racista se instala e, se o cuidado não for atento, começa a falar por nós: em nossos corpos, vozes e lugares sociais. Quando finalmente, após muita investigação, fui capaz de compreender do que se tratavam meus silêncios de mulher negra, me dei ao choro. O que é algo raro e caro para um corpo compreendido socialmente como “mulher forte”, deixar vulnerabilizar é uma lida física e emocional em que ainda escolho os lugares onde vou deixar meu choro, porque aprendi muito cedo a realidade cruel do corpo submisso no Brasil racista: saber se portar. Assim, o choro ficou travado em mim. (GELEDÉS, 2020).

Ao reconhecer as limitações que impossibilitavam minha voz de ecoar, comecei a trilhar um caminho em busca de desnaturalizar discursos de silenciamentos. Para romper a estrutura que limitava minha voz identifiquei os fatores dessa problemática. Além disso, a predominância da cultura acadêmica eurocêntrica limitava a diversidade de conhecimentos e perspectivas que poderiam enriquecer o ambiente universitário. A inexistência de espaços seguros onde as vozes negras possam se expressar e compartilhar suas experiências de forma autêntica reflete nas estruturas e dinâmicas institucionais, reprimindo novas perspectivas e contribuições não eurocêntricas. Para valorizar e incluir as vozes negras no ambiente acadêmico é imprescindível realizar transformações tanto estruturais quanto culturais.

No contexto social contemporâneo, as mulheres negras enfrentam uma posição desvantajosa na sociedade. A estrutura social amplifica as desigualdades que afetam as mulheres negras, considerando questões de gênero, etnia e classe, resultando em disparidades. Apesar de ocuparem posições desprivilegiadas na estrutura social, as mulheres negras se destacam como protagonistas da resistência e impulsionam o compromisso pela mudança em todos os espaços que frequentam.

A trajetória individual é permeada por experiências reveladoras e autoconhecimento, as quais são essenciais para o nosso desenvolvimento. Sendo uma pessoa negra, precisei trilhar uma caminhada de aceitação e empoderamento, superando os padrões impostos pela branquitude<sup>11</sup> na sociedade. Para romper com essas barreiras, a representatividade teve um papel muito importante na minha trajetória.

## **A Potência da Representatividade Negra na Sociedade**

Encontrei força e inspiração no movimento negro, que me ajudou a afirmar minha identidade e reconhecer o poder que eu tinha para modificar realidades por meio do ensino, pesquisa e extensão, bem como organização de atividades

---

<sup>1</sup> “A branquitude é uma racialidade construída sócio historicamente como uma ficção de superioridade, que produz e legitima a violência racial contra grupos sociais não brancos e beneficia os brancos dando a eles privilégios materiais e simbólicos”, como explica a professora do departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Lia Vainer Schucman.

culturais. Inicialmente, esse processo se deu no âmbito da universidade, onde comecei a questionar os conhecimentos eurocêntricos e lutar por uma educação que valoriza os saberes indígenas e da negritude.

Nesse percurso, algumas obras artísticas foram conteúdos imprescindíveis fortalecendo a minha caminhada. O filme "Pantera Negra" trouxe à tela um reino africano vibrante e empoderado, mostrando a importância da representatividade negra no cinema e despertando em mim um sentimento de orgulho e pertencimento. Em cada cena e diálogo, sentia uma conexão profunda com a minha ancestralidade e fortalecendo minha autoestima.

Em Black is King, álbum visual lançado em 2020, dirigido e escrito por Beyoncé, teve como inspiração o clássico "O Rei Leão" e busca celebrar a cultura negra e a ancestralidade africana. Através de imagens deslumbrantes, coreografias vibrantes e músicas impactantes, Beyoncé nos leva por uma jornada de auto aceitação, valorização da identidade negra e o orgulho das raízes culturais africanas.

Reverberando em meu ser, as músicas ecoam, como um mantra de resistência e autonomia. Formation, música do álbum Lemonade da cantora Beyoncé, vai além de ser apenas um hit pop. Ao se transformar em um símbolo de orgulho e resistência para a comunidade negra, abordando temas como racismo sistêmico, violência policial e valorização da identidade cultural, a canção "Formation" nos traz à consciência a importância de nos encher de orgulho por nossa herança, fortalecendo os laços e aquilombando.

Além disso, artistas nacionais também desempenharam um papel fundamental na minha jornada. O talento e a representatividade deles me inspiraram a abraçar minha voz, lembrando-me constantemente de que eu não estava sozinha nessa luta. Na voz de Rincon Sapiência (2017):

“As patty derrete que nem muçarela  
Quente que nem a chapinha no crespo  
Não, crespos estão se armando  
Faço questão de botar no meu texto  
As pretas e pretos estão se amando”

Nessa trajetória, a luta por representatividade se transformou em uma batalha diária, na qual questionei não apenas as políticas de espaço e exclusão presentes

na universidade, mas também as políticas que moldam e permeiam meu próprio corpo e cabelo, moldadas por padrões eurocêntricos de beleza. Enquanto compartilho minha escrevivência, trago à tona as vozes silenciadas e as experiências vividas por pessoas negras que enfrentam desafios semelhantes.

### **Meus crespos, minha identidade**

Aos 15 anos, eu era uma pessoa insegura e sem sonhos. Não conseguia entender por que não tinha sonhos a serem realizados. Não acreditava que merecia sonhos reais; os sonhos que eu tinha eram apenas fantasias que não refletiam minha verdadeira identidade negra. Cresci sem conhecer minha ancestralidade, sem conhecer a rica história do meu povo. Era uma história desconhecida para mim. Olhando para as fotos da minha infância e adolescência, percebo que meu cabelo estava sempre alisado, e isso me afeta profundamente. Lembro-me claramente de todas as batalhas que travamos para ter o tão desejado cabelo liso. Naquela época, havia uma ausência de referências afrocentradas, o que gerava uma constante vontade de me “embranquecer”. Essa vontade não era consciente, as raízes do racismo estavam entranhadas em meu ser a ponto de não reconhecer e valorizar os meus desejos, todos os desejos existiam a partir de imposições.

Era comum ouvir comentários como "Nossa, o cabelo da fulana é tão ruim". E ao olhar para a fulana, percebia que estavam falando também do meu cabelo, porque o meu era parecido com o dela. Eu não queria ser a pessoa do cabelo feio da roda, não queria ser a pessoa que era zoada pelo cabelo, pelo nariz, pela cor da minha pele. O meu desejo naquele momento, era me tornar como eles, ser aceita e respeitada como eles.

As memórias mais marcantes da minha infância são dos inúmeros processos pelos quais meu cabelo passou para chegar próximo de perfeitamente liso. Foram tantos procedimentos, demorados e dolorosos. Pente quente, progressiva, chapinha e alisamento. A cada procedimento, uma nova ferida. Durante anos, submeti-me ao processo de alisamento capilar, tentando me encaixar em uma imagem que não era minha, mas sim uma imposição do sistema.

Desde pequena, meu objetivo era ter um cabelo grande e liso, que pudesse sentir balançando ao vento. Era frustrante perceber semanalmente que os tratamentos agressivos que eu fazia não o faziam crescer e ficar do jeito que eu

sonhava.

Mesmo com tantos procedimentos, riscos e diferentes pessoas, meu cabelo não chegava a ficar nem próximo do que eu queria, mas eu continuava tentando. Esse era sempre o assunto quando mulheres, especialmente negras, se reuniam: "Nossa, o cabelo da fulana não aceitou bem o tratamento"; "O que a Miriam fez no cabelo?" "Onde você alisou o cabelo?" "Com quem fez progressiva?" "Descobri uma progressiva que não é tão agressiva".

Entre esses comentários, houve inúmeras tentativas de deixar meu cabelo liso, mas sem sucesso. Não reconhecia ou conseguia lembrar como era meu cabelo, mas tinha certeza que não seria aceito pela branquitude, então inconscientemente passei pelo embranquecimento para ser melhor tratada.

O embranquecimento é um fenômeno social que ocorre quando indivíduos negros, devido a pressões e padrões estabelecidos pela sociedade, acabam adotando comportamentos, aparências e características mais alinhadas com os padrões de beleza brancos.

No entanto, algo dentro de mim clamava por liberdade, por autenticidade. Foi então que, finalmente, decidi abraçar meus fios crespos, aceitando cada curva, cada parte da minha negritude que se manifestava em meu cabelo.

"Sem perder a raiz" livro de Nilma Lino foi uma obra fundamental para ampliar minha compreensão sobre as lutas e conquistas da comunidade negra, oferecendo-me um olhar profundo sobre a importância do corpo e do cabelo como elementos centrais na construção da identidade negra. Ela nos convida a mergulhar nessa jornada de reconhecimento, valorização e orgulho de nossas raízes, promovendo um diálogo necessário e transformador sobre a negritude e sua representação na sociedade contemporânea.

### **O cabelo crespo e a afirmação da negritude**

Em 2022, aconteceu a oficina "**O cabelo crespo e a afirmação da negritude**" durante o II Seminário da Mulher Negra Latino-americana e Caribenha, organizado pelo grupo PET Geografia UFU, DIEPAFRO e o NEAB.

Assim que entrei na sala, deparei-me com uma variedade de penteados em cabelos crespos e cacheados, algo que antes não era comum. A diversidade presente ali me encheu de esperança e representatividade, especialmente dentro

do ambiente universitário.

Conforme a primeira convidada começou a falar, pude perceber que muitos olhos se encheram de lágrimas, inclusive os meus. Foi impactante ouvir aquelas histórias, que por vezes continham momentos engraçados, mas também carregavam muita dor. Os relatos ressaltaram como o racismo afeta a forma que expressam nossa identidade, nossos sonhos e até mesmo nossa saúde.

Ao compartilhar das dores e conquistas de outras pessoas que se identificavam comigo, vivenciamos a dororidade<sup>2</sup>, onde a dor se tornou comum e gerou uma potência coletiva. Sentir-me acolhida e apoiada por aqueles que compartilhavam experiências semelhantes foi uma sensação poderosa. Ali, criamos um quilombo, um espaço de acolhimento e fortalecimento mútuo.

A organização de eventos dessa temática no ambiente acadêmico é fundamental para os discentes negros e educadores em formação. Torna-se possível a criação de espaços seguros para compartilhar vivências, experiências e fortalecer a identidade individual e coletiva.

### **Viagem para Salvador – BA**

Acordei naquela manhã, com o coração palpitando de emoção. Era o dia em que embarcaria em uma jornada rumo a Salvador, a cidade que pulsava com a força da negritude. Sabia que aqueles dias seriam significativos, repletos de momentos importantes pra mim, reconhecendo meus ancestrais e mergulhando na potência histórica que vibrava por aquelas ruas. Enquanto caminhava pelas ruas de Salvador, sentia a energia daquela cidade quente e pulsante. Cada esquina, cada beco, contava histórias que ressoavam em meu ser. Era como se as paredes antigas e as ruas de pedra sussurraram lembranças do passado, evocando memórias de lutas e resistência. Sentia-me parte de uma trama ancestral que se dissolvia no presente.

Ao adentrar o Pelourinho, fui envolvida por uma intensidade cultural que nunca havia experimentado antes, as cores intensas dos casarões contrastam com o céu azul da Bahia, e as batidas dos tambores ecoaram em meu peito. Consciente da supressão da história africana ao longo dos anos, tive a oportunidade de

---

<sup>2</sup> A sororidade parece não dar conta da nossa pretitude. Foi a partir dessa percepção que pensei em outra direção, num novo conceito que, apesar de muito novo, já carrega um fardo antigo, velho, conhecido das mulheres: a Dor – mas, nesse caso, especificamente, a Dor que só pode ser sentida a depender da cor da pele. Quanto mais preta, mais racismo, mais dor”. Como é descrito por Vilma Piedade no livro Dororidade.

testemunhar ali uma pluralidade cultural fascinante. Cada esquina revelava a riqueza ancestral e séculos de resistência.

A cidade de Salvador me acolheu com suas raízes, envolvendo-me em um abraço potente e resistente. A diversidade da negritude manifestada ali, era inspiradora. Cada rosto, cada sorriso, contava uma história única de afirmação e representatividade. Estava testemunhando o resultado secular de luta pela valorização da identidade negra.

Visitei o Museu Afro-brasileiro (MAFRO) da Universidade Federal da Bahia. Possui um acervo de mais de 1100 peças de cultura material africana e afro-brasileira contribuindo ativamente para a divulgação e preservação destas matrizes culturais. Diante das exposições que retratavam a diáspora africana e a cultura afro-brasileira, senti a presença dos meus ancestrais. A quantidade de cultura. Suas histórias de resistência e sabedoria ecoavam em meu ser.

Além de explorar marcos histórico encontrei com afrodescendentes que compartilhavam das mesmas lutas e anseios, trocas de experiências e de reflexões coletivas. Juntos, potencializamos mutuamente, nutrindo-nos da força de pessoas engajadas e comprometidas pela mudança.

A vivência em Salvador foi um marco transformador que contribuiu na minha compreensão sobre a relevância de abordar a história e a cultura afro-brasileira e africana em diversos contextos, como no âmbito acadêmico, na formação docente, na produção de conhecimento e na valorização dos referenciais negros. Essa experiência despertou em mim a consciência da necessidade de romper com a negligência histórica e promover uma educação onde as narrativas negras sejam legitimadas e celebradas.

Um dos motivos da minha ida a Salvador foi para participar da Bienal da UNE – União Nacional dos Estudantes, o maior festival estudantil da América Latina. A Bienal é marcada pela brasilidade e diversidade, destacando elementos que constroem a identidade nacional e o movimento estudantil. Ali, pude compartilhar na Mostra de Literatura uma crônica intitulada "Ela Encontrou uma Mulher Negra", uma história que ecoava as inquietações e superações vivenciadas na busca por minha identidade.



Figura 2: Pelourinho, Salvador – BA.

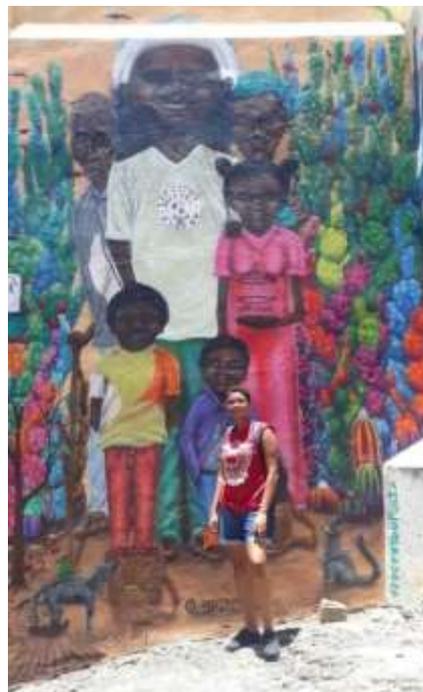


Figura 3: Pelourinho, Salvador – BA.



Figura 4: Apresentação em oficina durante a 11ª Bienal da UNE.

## **Ela encontrou uma Mulher Negra - Crônica**

“Diariamente, ao acordar ela se olhava no espelho procurando encontrar algo familiar, porém sempre era uma busca sem resultados. Passou 17 anos, talvez 18 anos procurando essa familiaridade, sempre em vão. Com o tempo, ela foi aceitando que não tinha nada que encontrar ali, mas essa aceitação não correspondia às expectativas da sociedade. A tal da sociedade desejava que ela encontrasse algo neste simples ato de olhar para o espelho.

Ela deixou essa problemática oculta por um bom tempo, enquanto se dedicava a compreender outros aspectos que lhe eram desconhecidos. Ela sentia que vivia no corpo de outra pessoa, não queria atribuir o que ela sofria como preconceito e discriminação. Não, ela não sentia que sofria preconceito e muito menos discriminação. Em vez disso, ela se esforçava para se adequar e moldar-se de acordo com os padrões estabelecidos pela sociedade, mesmo que não os considerasse verdadeiramente belos. Ela continuava seguindo adiante, tentando se encaixar.

Para se enquadrar nesses padrões, ela precisava abrir mão de sua liberdade e, às vezes, até de seu bem-estar. Submetia-se a mudanças que não traziam os resultados desejados, mas ela persistia incansavelmente. Anos se passaram e ela nem percebeu que algo estava sendo transformado dentro de si, algo que não era visível externamente... Era sua essência que se modificava.

Tudo acontecia tão fluido que não era possível perceber as consequências, nem sentia as mudanças. A falta de referencial não a inspirava a ser natural, a encontrar algo no reflexo dos espelhos que olhava.

Tantos anos, minutos, momentos reprimindo algo que era natural até que uma mudança começou acontecer. Entre tantas barreiras e obstáculos, conseguiu encontrar o que tanto procurava no espelho. Mas não encontrou no espelho em si, encontrou através de mulheres que avistava nas ruas da cidade.

Mulheres que pareciam ter encontrado o que ela procurava eram mulheres decididas e realizadas. Devido à posição em que se encontrava não se sentia no direito de perguntar como elas encontraram esse algo tão procurado. Ela passou anos assistindo de longe o crescimento de mulheres que via diariamente em diferentes lugares, e a quantidade de mulheres aumentava a cada momento que se passava. Elas cresciam individualmente e cresciam quando comparadas à

sociedade em que viviam. Elas se tornaram parte de todo o meio.

Ela observou, analisou e questionou todos os seus pensamentos, mas não conseguia identificar o que precisava mudar. Com o tempo, porém, entendeu a necessidade de encontrar o mesmo que aquelas mulheres. Foi então que uma palavra entrou em sua vida, como se fosse o ponto de partida de tudo: **aceitação**. Ao compreender o significado dessa palavra tão usada por tantas pessoas em tantos lugares, ela parou para refletir sobre sua aplicação na prática.

Como uma onda, a palavra se espalhou e impactou tudo ao seu redor. Embora não tenha resolvido todos os seus questionamentos, iniciou uma série de ações. Por um lado, houve melhora, mas ela continuava em busca de algo que não conseguia identificar. Novamente, diante do reflexo no espelho, não encontrava o que procurava. Ela buscava se encontrar em seu reflexo, sem entender que estava procurando algo que não lhe pertencia. Sentia dificuldade em expressar seus sentimentos e sua identidade em relação a tudo ao seu redor, sentia-se perdida. Era um complexo misto de medo, rejeição e culpa pelo suposto vitimismo que era comentado. Sentia-se culpada ao tentar assumir uma identidade que nem mesmo conhecia. Sofria as sequelas de anos tentando apagar uma história, uma história interrompida por eventos que geram opressão. Sentia-se inferior, colocada em seu devido lugar, longe do topo, rebaixada sem saber o motivo.

Ela se cansou de não encontrar seu caminho, perdida em um universo de aceitação e autoafirmação. Não entendia, pois, mesmo depois de aceitar, ainda não havia encontrado o que tanto buscava. Não conhecia nenhuma solução e estava saturada, até que, movida por coragem e sem pensar nas consequências, iniciou um processo de autoconhecimento que a ajudou. Não foi fácil nem rápido, mas, ao longo do tempo, passou a reconhecer o que via diante do espelho.

Com o tempo, ela entendeu que não precisava encontrar nada, apenas reconhecer. Ultrapassou barreiras e enfrentou tudo que se opunha à sua identidade, reconhecendo o que era necessário. O processo de reconhecimento foi demorado e desafiador, mas ocorreu gradualmente. Em certo momento, ao se olhar no espelho, aceitou a imagem que viu. Reconheceu a Mulher Negra que, após 19, talvez 20 anos de vida, não sabia quem era.

Não precisava encontrar algo novo, talvez precisasse apenas aceitar. Mas o mais importante foi o reconhecimento. É difícil determinar exatamente quando essa mudança de atitude aconteceu, pois não foi algo que ocorreu da noite para o dia.

Foram anos de desconstrução e resistência.

Hoje, é possível entender que ela tentava se adequar a um padrão estético branco, e tudo isso causou um efeito regressivo que, aos poucos, está sendo substituído por um sentimento de amor-próprio, representatividade, conquista e resistência.”

### **Reconhecendo meu Potencial na Educação**

Após me fortalecer, percebi que poderia utilizar o espaço, o tempo e minha voz para abordar conteúdos voltados a decolonizar, trazer à luz questões e reflexões sobre a importância da abordagem e do reconhecimento das questões étnico-raciais no ensino de ciências. Almejava tornar a universidade um ambiente mais acolhedor para os futuros ingressantes, mas também considerar as políticas de formação docente, promovendo a criação de uma educação básica mais enriquecedora.

Motivada por essa nova perspectiva, direcionei minha rota acadêmica para cursar a licenciatura e comecei a procurar formas de amplificar minha voz, para que minhas ideias fossem ampliadas a um público maior. Percebi que a produção de atividades extracurriculares poderia ser uma ferramenta poderosa para a transformação da universidade.

No 4º período do curso encontrei uma nova possibilidade para tentar driblar o sentimento de não pertencimento, decidi realizar uma disciplina na área da Educação. No momento da inscrição, não cogitei fazer licenciatura por acreditar não possuir características ideais para ser professora. Ao cursar Ciências e Mídias, ofertada pela Profa. Dra. Daniella Franco, minhas perspectivas tomaram uma direção inesperada. Comecei a questionar minha trajetória e perceber o quão potente a educação é para impactar a vida de muitas pessoas, e me sentia confortável em permanecer nesse lugar. Aos poucos, percebi que meu propósito não precisaria se limitar apenas à pesquisa científica, mas também incluía a promoção de conteúdos afro-brasileiros.

A disciplina de Ciências e Mídias teve um momento muito marcante pra mim o **Cajon**. A própria palavra já reverbera por si só. Esse momento da aula era destinado a compartilhamento de momentos, vivências, objetos que reverberam em nossas vidas.

Estava passando por um processo pessoal muito intenso, relacionado a

minha identidade e pós-transição capilar, momento no qual alcancei meu objetivo de deixar meu cabelo natural. Nesse momento escolhi levar um pente garfo, um objeto que antes pertencia ao meu pai e agora foi passado a mim. Para muitos, um simples pente, mas para mim, reverberou de uma forma especial.

Esse pente garfo foi um marco em minha jornada de transição capilar, um processo pelo qual eu abracei e celebrei meus cabelos crespos. Afirmar meus cabelos crespos foi essencial para meu reconhecimento como mulher negra e me sentir parte de um grupo. Através desse gesto simbólico, eu reivindicava minha identidade e ancestralidade, resistindo aos padrões eurocêntricos de beleza que historicamente inferiorizam os cabelos afros.

Ao levar o pente para a atividade, pretendia abordar questões relacionadas à resistência, ao reconhecimento de nossos ancestrais e ao fortalecimento da comunidade negra. A disciplina proporcionou um momento de escuta e conexão com os participantes, onde pudemos compartilhar nossas histórias, nossas batalhas e nossas conquistas.

No contexto universitário, é importante ressaltar que a baixa autoestima entre estudantes negros é uma realidade preocupante. O ambiente acadêmico reproduz estereótipos e discriminações, afetando a saúde mental e emocional desses estudantes. Por isso, o momento de escuta e a possibilidade de compartilhar vivências se tornam ainda mais relevantes. Essa experiência me mostrou que o cabelo vai além da estética, ele é uma afirmação da negritude, um símbolo de resistência e orgulho.



**Figura 2: Discentes da disciplina de Ciências e Mídias em visita a espaço cultural.**

### **III - DESCOBRINDO MEU POTENCIAL NA GRADUAÇÃO E PARTICIPAÇÃO EM GRUPOS ACADÊMICOS**

Ao reconhecer minha negritude, senti-me potencializada e me questioneei: "Agora que sei quem sou, como posso utilizar minhas habilidades para subverter as expectativas?".

Percebi que seguir apenas o currículo tradicional da graduação, com disciplinas, estágio e TCC, não seria o bastante para mim. Eu ansiava por algo mais, desejava transformar o ambiente acadêmico ao meu redor, incluindo temáticas relevantes e frequentemente negligenciadas. Sentia a necessidade de trazer à tona questões que eram ignoradas, gerar discussões e ações que impulsionam a inclusão e a equidade. Acreditava que minha participação ativa poderia fazer a diferença e contribuir para uma educação mais abrangente e significativa para todos. Decidi que era o momento de agir e buscar incluir a prática da lei 10.639, estabelecendo o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, nas atividades extracurriculares a serem desenvolvidas por meio das entidades que fossem participar.

Criada para combater o racismo e promover a valorização da diversidade étnico-racial na educação, a Lei 10.639/2003 estabelece a obrigatoriedade do ensino da História da África, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e as contribuições do povo negro, nos âmbitos sociais, econômicos e políticos na formação da História do Brasil.

A implementação dessa lei ainda enfrenta desafios como a falta de preparo dos docentes para abordar esses conteúdos, a resistência em incluir essas temáticas nos currículos e a ausência de políticas efetivas de monitoramento e avaliação. Como resultado, muitos estudantes universitários são expostos a uma formação falha quando se trata da história e cultura afro-brasileira, perpetuando estereótipos e lacunas de conhecimento sobre a contribuição dos povos negros para a sociedade. Ao dar voz às minhas experiências e compreender o poder das minhas palavras e ações na abordagem de assuntos étnico-raciais na Universidade, pude reflexões sobre a importância de uma educação emancipatória e colocando em prática a lei 10.639/2003.

#### **Decolonizando o PET Biologia**

O Programa de Educação Tutorial - PET é voltado para estudantes de

graduação e tem como objetivo oferecer atividades complementares à formação acadêmica, de acordo com as necessidades do curso. Com enfoque em pesquisa, ensino e extensão, os estudantes recebem orientação de um professor tutor, que os estimula a aprender de forma ativa, através de vivências, reflexões e discussões em um ambiente informal e colaborativo. Esse método tutorial possibilita o desenvolvimento de habilidades, resolução de problemas e pensamento crítico. Além disso, as atividades em grupo permitem o fortalecimento do trabalho em equipe, facilitando a compreensão das características individuais e promovendo a percepção da responsabilidade coletiva e do compromisso social.

Ao me deparar com a oportunidade de ingressar no grupo, que exigia um processo seletivo rigoroso, senti uma mistura de entusiasmo e ansiedade. Sabia que teria que superar várias etapas, sendo uma das etapas a elaboração de um projeto. Decidi abordar o papel fundamental do professor no combate às discriminações de gênero, étnico-racial e por orientação sexual. O projeto, intitulado "Combatendo o preconceito por meio da diversidade", propunha a criação de um "Dia de Diversidade" em todos os níveis de ensino. Após o envio do projeto e passar por todas as etapas do processo seletivo, fui aprovada no grupo. Uma mistura de alegria e sentimento de realização sabia que essa oportunidade abriria portas para novas vivências e experiências enriquecedoras.

Levar para a sala de aula dentre outros espaços de discussões temáticas étnico-raciais e suas interseções com aspectos sociais, culturais e políticos, proporciona a construção de uma educação mais respeitosa, que enfrenta preconceitos e estereótipos. Essa abordagem permite que estudantes, desconstruam estruturas de opressão e discriminação, além de promover a representatividade, a autoafirmação e a valorização de indivíduos de grupos historicamente marginalizados.

Durante minha participação no PET - Biologia dediquei-me a realizar uma série de atividades com o objetivo de contribuir para a transformação do ambiente acadêmico em um espaço mais acolhedor, onde as vozes e experiências dos estudantes negros fossem genuinamente valorizadas. Entre as diversas ações, destaco a realização de palestras, organização de eventos, apresentações de livros e atuação como mediadora em rodas de conversa sobre assuntos cruciais como "Feminismo Interseccional" e Covid-19: Uma Discussão Racial e Socioeconômica.



Figura 4: Roda de Conversa sobre Feminismo Interseccional



Figura 3: Covid-19: Uma Discussão Racial e Socioeconômica

### **Palestra: Mulheres Negras Na Ciência - Uma Luta Histórica**

Tive a experiência de ministrar uma palestra intitulada "Mulheres Negras na Ciência - Uma Luta Histórica", encerrando o 50º Ciclo de Palestras do PET Biologia. Percebi a importância de abordar um tema pouco discutido: a visibilidade das mulheres negras na Ciência. A palestra oportunizou a apresentação da trajetória de cientistas negras e despertar reflexões sobre a ausência de representatividade e a falta de discussões étnico-raciais na graduação.

Antes de escolher essa temática, enfrentei indecisões sobre por qual ponto começar. Após muita procura, encontrei o cerne do que gostaria de abordar naquela ocasião. Localizei lacunas significativas, tanto em relação à escassez de mulheres negras no ambiente acadêmico quanto à ausência de temáticas étnico-raciais nos debates e currículos. Essas ausências são prejudiciais não apenas para a representatividade, mas também para a construção de uma formação abrangente.

No momento da apresentação, pude oferecer um espaço para refletir sobre a importância de abordar a temática das mulheres negras na ciência durante a graduação. Explorar as trajetórias de cientistas negras e destacar suas contribuições foi fundamental para romper com a invisibilidade histórica e promover a valorização da diversidade. Além disso, foi uma oportunidade de incentivar discussões sobre equidade e proporcionar um ambiente acadêmico mais inclusivo, onde a história e as experiências das mulheres negras são reconhecidas e valorizadas.



Figura 5: Arte de Divulgação da Palestra

### **Palestra: Racismo - Um Sistema Opressor Enraizado Na Sociedade**

Desenvolvi uma apresentação sobre o tema "Racismo como um Sistema Opressor enraizado na Sociedade". Durante o evento, 50º Ciclo de Palestra do PET Biologia, destaquei a importância de abordar essa temática na graduação, pois o racismo vai além de ofensas pontuais e constitui um sistema que nega direitos afetando profundamente a autoestima do povo negro. Durante a palestra, buscamos compreender a origem do racismo e reconhecer suas manifestações "sutis" na sociedade.

Para uma compreensão coesa e completa do tema, utilizei tópicos como a apropriação cultural, o lugar de fala e o racismo institucional. Foi fundamental enfatizar que o racismo é um problema estrutural, sendo assim, a responsabilidade para combatê-lo é de toda a sociedade.

Ministrar essa palestra foi uma oportunidade de conscientizar os estudantes sobre a gravidade do racismo e sua presença enraizada na sociedade. Ao abordar o tema na graduação, contribuimos para despertar a reflexão crítica e promover ações de combate a essa estrutura opressora. É essencial que a academia se engaje na desconstrução dos preconceitos e na promoção da equidade racial, pois somente através da educação podemos efetuar mudanças reais.

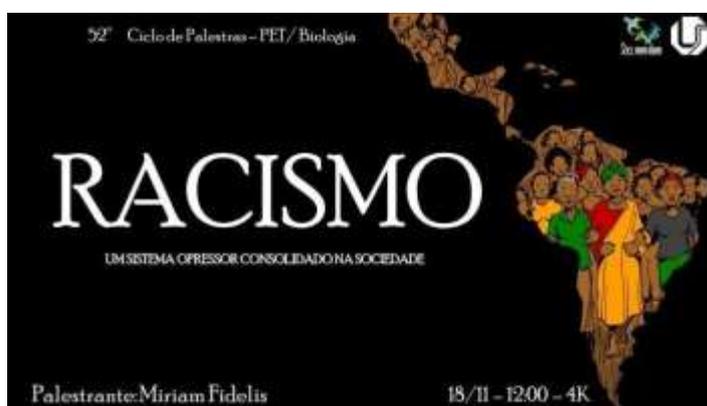


Figura 6: Arte de Divulgação da Palestra

## **PET LÊ – Rodas de leitura ao ar livre**

### **Apresentação do Livro: Mulheres, cultura e política da Angela Davis**

Mulheres, cultura e política é uma obra escrita por Ângela Davis que desempenha um papel fundamental na formação docente, especialmente no contexto da educação feminista. O livro discute a interseccionalidade das opressões vivenciadas por mulheres e faz uma análise crítica das estruturas sociais e políticas que perpetuam desigualdades de gênero, raça e classe. Apresentando perspectivas históricas e contemporâneas, Ângela Davis reconhece e valoriza o papel das mulheres nas lutas diárias e a importância de sua presença e voz nos espaços políticos e culturais.

Através de uma abordagem pedagógica reflexiva, o livro inspira e desafia os educadores a repensarem suas práticas e promover a equidade de gênero em sala de aula. Ao abordar questões como o feminismo negro, a representação das mulheres na mídia e a violência de gênero, o livro fornece ferramentas conceituais e teóricas que auxiliam os educadores a abordarem esses temas sensíveis e a desenvolverem uma educação mais sensível e crítica.

A apresentação desse livro despertou em mim uma conscientização profunda e me ajudou a reconhecer que mesmo diante do enfrentamento de múltiplas formas de opressão, eu estava em uma posição privilegiada. Ao compreender as raízes históricas e as consequências contemporâneas dessas estruturas sociais, fui capacitada a questionar e desafiar as normas estabelecidas, além de tentar me tornar uma aliada mais ativa nessa luta.



Figura 8: Arte de divulgação da roda de leitura



Figura 7: Momento da apresentação do Livro

## Produções durante a pandemia de COVID - 19

Durante o período de isolamento social por conta da pandemia de COVID-19, houve algumas produções midiáticas propostas pelo grupo PET-Biologia. Aproveitei a oportunidade para abordar temáticas importantes e negligenciadas. Produzi conteúdos midiáticos sobre a representatividade negra e sobre o livro "Pequeno Manual Antirracista", escrito por Djamila Ribeiro.

A atividade PET LÊ IGTV foi uma alternativa à atividade presencial "PET LÊ". O objetivo principal foi estimular e consolidar hábitos duradouros e autônomos de estudo, através de vídeos com indicações e resenhas de livros disponibilizados em nosso Instagram.

Decidi apresentar para a atividade PET LÊ IGTV o livro "Pequeno Manual Antirracista"<sup>3</sup> da escritora e filósofa Djamila Ribeiro. Sentia uma urgência em compartilhar essa obra que me impactou profundamente. Ao gravar o vídeo, expliquei como o livro aborda de forma clara e direta as questões relacionadas ao racismo. Descrevi os conceitos-chave apresentados pela autora e destaquei a importância de confrontar nossos próprios preconceitos.

A fim de manter as atividades remotamente no período de isolamento social, foram feitas adaptações do tradicional Ciclo de Palestras, com novo nome e formato: o Ciclo Blá Blá PET. Consistia em produzir vídeos curtos sobre temas variados,

<sup>3</sup> <https://www.instagram.com/reel/CCgc-zvFTUB>

elaborados pelos petianos e disponibilizados no Instagram (IGTV) do Grupo PET Biologia/UFU-Uberlândia.

Na adaptação remota do Ciclo de Palestras, produzi um vídeo sobre um tema que me era muito caro: a Representatividade Negra<sup>4</sup>. Compartilhei minha perspectiva e reflexões sobre a importância de vermos pessoas negras ocupando espaços de destaque e influência na sociedade.

### **Educação Quilombola - Metodologia do Ensino**

Durante a disciplina Metodologia do Ensino, ministrada pela Profa. Dra. Ariádine Almeida, parte da avaliação seria a abordagem de uma temática que nos atravessa em uma apresentação de seminário e trabalho escrito. Ao me deparar com a possibilidade, decidi pesquisar sobre Educação Quilombola. Sendo mulher negra, sempre tive um interesse genuíno pelas temáticas relacionadas à história, cultura e resistência do povo negro. Pesquisar e apresentar essa temática enriqueceu meu conhecimento, mas permitiu que eu compartilhasse essas informações com meus colegas de disciplina, despertando neles a consciência sobre a existência dessas comunidades e a importância de valorizar suas trajetórias históricas e culturais.

Ao buscar nos documentos legais a definição de escolas quilombolas, pude compreender a relevância de reconhecer e valorizar essas comunidades remanescentes de quilombos. A Resolução CNE/CEB Nº 8/2012 destacou a importância de considerar os territórios quilombolas como espaços habitados por grupos étnico-raciais com uma trajetória histórica própria e uma presunção de ancestralidade negra. A partir dessas informações, percebi que ao pesquisar sobre Educação Quilombola não seria resumida apenas a cumprir uma atividade acadêmica, mas era um ato de resistência e valorização da história e cultura negra, bem como combater o racismo estrutural.

### **INGRESSO NO DACD**

Durante o ano de 2019, recebi um convite para participar do diretório acadêmico, tal convite se deu pelo reconhecimento das minhas atuações no ambiente acadêmico. Naquele momento, eu estava no meu segundo ano

---

<sup>4</sup> <https://www.instagram.com/reel/CA-h8NqDHDX/>

participando do PET, já tinha apresentado palestras e livros com temáticas étnico-raciais. A participação nesse grupo aumentou minha visibilidade na graduação, senti minha voz ecoar.

Aceitei o convite para contribuir em meu aprendizado bem como propor atividades com temáticas de saberes afro-diaspóricos, indígenas e não eurocêntricos em geral. Após minha experiência na universidade, percebi que trazia em mim as vozes daqueles que não tiveram a oportunidade de ingressar, permanecer e concluir a graduação. Vozes silenciadas, abafadas e negligenciadas.

Participar do Diretório Acadêmico me aproximou do movimento estudantil e automaticamente com a política. Cada manifestação, reunião e discussão foram momentos dos quais pude fazer minha voz ser ouvida, conhecer pessoas inspiradoras, trabalhar coletivamente e organizar eventos.

Durante minha participação como presidente por dois anos, essa experiência foi marcada pelo desejo de fazer a diferença no campus e de amplificar minha voz em prol das mudanças e abordagem de conteúdos afrocentrados.

### **Encontro JELI - Preto É Preto Todo o Tempo, Não Só Em Novembro**

A primeira edição foi um evento idealizado quando ingressei no Diretório Acadêmico Charles Darwin em parceria com diversos coletivos. Durante o mês de novembro de 2019, vislumbrei a oportunidade de organizar algum evento em prol da semana da consciência negra, ao sugerir para o grupo, aceitaram e realizamos a primeira edição.

O nome "Jeli" foi escolhido em homenagem aos Griots, contadores de histórias da cultura africana, representando a tradição oral transmitida de geração em geração. O objetivo do evento foi resgatar essa tradição ancestral e promover a troca de narrativas, experiências e saberes, reconhecendo a importância das narrativas na construção de identidades e fortalecimento das comunidades.

O Encontro Jeli ofereceu ações formativas para os licenciandos, trazendo a Lei Federal 10.639/2003 para a realidade. Durante o evento aconteceram atividades como cine debates, oficina de lambe-lambe, roda de conversa, momentos culturais, oficina de graffiti, recital de poesias, varal de arte com obras de Jean-Michel Basquiat e amostra de artes relacionadas às vidas negras.

Como estudantes e futuros profissionais, reconhecemos a importância desse

tema em nossa formação pessoal e acadêmica, e por isso propusemos um encontro de saberes negros em diálogo, unidos pela nossa ancestralidade.



Figura 10: Organizadores ao final da primeira edição do Encontro JELI.



Figura 9: Roda de Conversa no evento.

## **2º ENCONTRO JELI: novembro não é só racismo, é também racialidade. Nós queremos saúde, diversão e arte.**

O 2º Encontro aconteceu de forma virtual, seguindo as recomendações de isolamento social dos órgãos de saúde frente ao combate da pandemia de COVID-19. Foram realizadas rodas de conversa nas seguintes temáticas: Saúde dos universitários negros, questões étnico-raciais no ensino de ciências e artistas pretos independentes em tempos de pandemia.

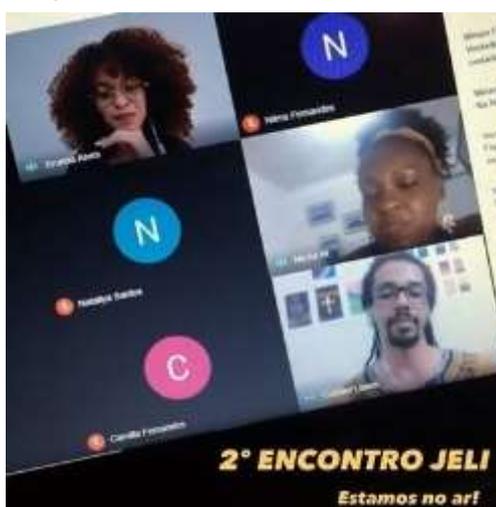


Figura 11: Roda de Conversa: 2ºJELI

Na roda de Conversa “Questões étnico-raciais no ensino de Ciências” uma das convidadas foi a Profa. Dra. Nicéa Quintino Amauro. Em sua trajetória atuava no ensino, pesquisa e extensão, na área de educação em química e com ações de

enfrentamento ao preconceito racial e em valorização da cultura do povo negro. Entre os anos de 2018 e 2020, foi presidente da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN). Nicéa era extensionista com projetos em execução na área do combate ao racismo, beleza negra, educação para as relações étnico-raciais e educação em química.

Ouvi-la argumentar sobre a temática com tanto compromisso na luta antirracista, pela ciência e educação emancipatória me inspirou. Encontrar lideranças negras que trilharam caminhos desafiadores na ciência e abriram portas para os que vieram depois é uma reafirmação do meu compromisso em deixar a comunidade acadêmica com mais igualdade de oportunidades.

Angela Davis tem uma frase que ressoa muito em minha trajetória: "Quando uma mulher negra se movimenta, toda a estrutura se movimenta com ela". Vivenciei uma movimentação, ao lutar para superar a Colonialidade e suas feridas na sociedade brasileira. Enfrentei desafios, aprendi a recusar ser silenciada, assim como tantas mulheres negras, ergui minha voz.

Ao pensar no futuro, vislumbro quilombos diversos sendo criados e em processo de criação, para isso é necessário ocupar espaços e aplicar uma ótica que visa a potencialização dos povos pretos, originários, latinos e de forma geral, aqueles que não se enquadram nos grupos privilegiados da sociedade. Sendo assim acredito que partindo do espaço acadêmico que estamos incluir temáticas para a valorização dos diversos saberes no ensino, pesquisa e extensão são de extrema urgência. Para localizar essas perspectivas e localizar as ausências, o pensamento decolonial torna-se necessário

#### **IV: PENSAMENTO DECOLONIAL E AQUILOMBAMENTO**

À medida que me aproximei da conclusão da graduação, surgiu uma indagação sobre qual legado estou deixando. Como posso tornar a decolonização acessível ao senso comum, aos professores atuantes e aos futuros educadores em formação?

Esse questionamento me convidou a registrar transformações concretas, idealizadas e realizadas durante minha trajetória acadêmica. Transformações essas que desejavam romper com os modelos opressores e ampliar a visibilidade das histórias afro-brasileiras. Compreendo a importância de valorizar e incluir diferentes conhecimentos, perspectivas e experiências culturais, rompendo com a hegemonia do conhecimento ocidental.

#### **Uma pesquisa em movimento!**

Eu sou a pesquisadora, a pesquisa. Antes objeto de estudo, hoje, protagonista da minha pesquisa e da minha história. Meu movimento é coletivo, visando conhecer, dialogar e enegrecer a UFU, nossa universidade. Mas será que você se sente parte da universidade, da sala de aula e dos espaços de convívio? A UFU é um bem público a serviço do Brasil, mas, que Brasil é esse? Um Brasil enraizado na Colonialidade, eurocentrismo e numa reparação que nunca ocorreu.

A universidade em que estudo desde 2016 nunca foi um bem público a serviço da minha identidade, do meu sentimento de pertencimento e da minha visibilidade acadêmica. Para adquirir o conhecimento que possuo hoje, precisei explorar diversos territórios além das salas de aula, uma vez que os currículos não contemplavam saberes não eurocêtricos.

Decolonizar o ambiente acadêmico, trazer à tona questões e reflexões sobre a importância de incluir conteúdos relacionados à negritude em todas as áreas do conhecimento, eram mudanças que eu almejava para minha trajetória, e agora escolho registrar e concluir com esse compilado de vivências e histórias. Após encontrar uma mulher negra em 2017, me impactou de forma a gerar diversos deslocamentos até então. Agora, sei quem sou, quem quero ser, quem fui e quem serei. Aceitei meus traços, reconheci a potência que possuo e como usá-la nos espaços que construo e faço parte.

Senti a responsabilidade de resgatar os saberes indígenas, originários e afro-diaspóricos, subvertendo os projetos de extermínio impostos por uma sociedade capitalista, racista e patriarcal.

Aprendi que é crucial dar voz ao que atravessa nossas vidas. Ao compartilhar as experiências que nos moldam, seja como estudantes, pesquisadores ou simplesmente como seres humanos, construindo pontes de compreensão. Ao abordar os desafios e as conquistas, criamos um espaço de diálogo autêntico e acolhedor, permitindo que outros se identifiquem. Essa troca de vivências fortalece não apenas nossa jornada, mas também contribui para o enriquecimento coletivo do conhecimento, promovendo uma cultura acadêmica que valoriza saberes além do eurocentrismo.

### **Pensamento Decolonial**

É fundamental reconhecer e confrontar a Colonialidade enraizada na universidade, visando uma transformação em direção a uma educação mais abrangente, que aprecie as diversas perspectivas e questione as estruturas de poder que perpetuam as disparidades.

Através da percepção de Eduardo Restrepo e Axel Rojas (2007), torna-se possível fazer uma distinção analítica entre Colonialismo e Colonialidade, não se deve também confundir descolonização com decolonialidade:

Colonialismo e Colonialidade, não se deve também confundir descolonização com decolonialidade. Por descolonização entende-se o processo de superação do Colonialismo, associado às lutas anticoloniais no marco dos Estados que resultaram na independência política das antigas colônias. A decolonialidade refere-se ao processo que busca transcender historicamente a Colonialidade e, de acordo com estes autores, supõe um projeto com um projeto mais profundo é uma tarefa urgente para o nosso presente de subversão do padrão de poder colonial (2010, p. 16 – 17).

Para confrontar a Colonialidade, emerge o pensamento Decolonial como uma abordagem crítica e constante. O pensamento decolonial, busca desafiar e desmantelar as estruturas de poder, os discursos hegemônicos e as narrativas coloniais que moldaram a educação e a sociedade em geral propondo uma reflexão profunda sobre as relações de poder, as hierarquias sociais e as formas de conhecimento dominantes.

Ao adotar o pensamento decolonial, a universidade tem o potencial de se

tornar um ambiente de mudança, no qual vozes plurais e conhecimentos ancestrais são valorizados e respeitados. Nesse sentido, a síntese cultural freiriana (FREIRE, 2005) torna-se uma possibilidade real, gerando efetivas transformações e trazendo o pensamento decolonial ao ensino no Brasil, que se torna inclusivo e contrário às práticas de desigualdade na escola, por meio do não respeito à diferença.

### **Aquilombar é decolonizar**

De acordo com a historiadora Beatriz Nascimento, no documentário "Ôri" de 1989, o termo "quilombo" não se restringe ao passado, mas representa um contínuo cultural de aglutinação, englobando a ideia de comunidade e resistência pela valorização da humanidade e preservação dos símbolos culturais do povo negro. Nascimento mostra em sua pesquisa como esse fenômeno perdura até os dias atuais, manifestando-se em sistemas sociais alternativos fundados por negros, como as escolas de samba, os terreiros de candomblé e as favelas. Ela ressalta que os quilombos assumiram diversas formas e organizações, adaptando-se às condições encontradas pelas comunidades que neles viviam, proporcionando a prática e preservação dos modos de vida dessas comunidades marginalizadas.

Ao considerar que o quilombo não está restrito ao passado, mas é um espaço de agregação que se transformou ao longo da história da diáspora afro-brasileira, associado aos aspectos territoriais, podemos explorar o conceito de "aquilombamento". Esse termo deriva da ideia de quilombo, porém não está ligado necessariamente a uma dimensão territorial. Representa a continuidade da prática de aquilombar como estratégia de resistência e coletividade, referindo-se a experiências contemporâneas de organização e intervenção sociais protagonizadas pela população negra.

A prática do aquilombamento é baseada no princípio filosófico africano Sankofa, que envolve acessar um legado estabelecido no início da experiência diaspórica, adaptando-o às condições atuais e criando a possibilidade de múltiplos futuros. Segundo Beatriz Nascimento (1989), se "cada cabeça é um quilombo", "aquilombar-se" é o movimento de buscar o quilombo, formá-lo e tornar-se parte dele. Em outras palavras, aquilombar-se é o ato de adotar uma posição de resistência contra a hegemonia. A partir da ideia de aquilombar e subverter os padrões existentes na comunidade, criei projetos que visam a decolonização e aquilombamento do ambiente acadêmico.

## **Nave Preta – É Tempo De Aquilombar**

Idealizei o projeto a partir da necessidade de reunir quilombos no ambiente universitário para promover discussões, oficinas e movimentos pautados nas relações Étnico-Raciais da UFU, bem como o contato com artistas precursores da cultura preta tendo como finalidade a interdisciplinaridade com a universidade. Nave Preta aterrissa para expandir as possibilidades de abordagem de conteúdos étnico-raciais na formação docente.

Ao observar o atual contexto universitário, nota-se que há a ausência de projetos relacionados à formação docente por meio de uma cultura ancestral negra. Sendo assim, o processo de formação acadêmica segue um padrão colonial. Os eventos organizados pelos cursos, pouco provocam diálogo sobre negritude, ciência e formação docente. E como toda formação escolar, universitária e de estrutura social tem essa matriz europeia, há esse estranhamento, essa dificuldade de se levar em consideração, entender suas raízes e seus significados. Logo, grande parte dos jovens pretos e periféricos não vê a graduação como opção, muitas vezes pelo fato de não terem o contato e não conhecerem as possibilidades que a universidade oferece. Através do projeto, a conexão entre jovens pretos universitários e não universitários, poderá ser desenvolvida podendo gerar potencial de mudança e transformação. As ações a serem realizadas por meio de produções artísticas, vão proporcionar que narrativas de pessoas negras sejam divulgadas no contexto científico, que tende a ser tão colonial e valorizar a cultura afrodescendente, bem como suas lutas e ensinamentos transmitidos à sociedade.

## **Festival JELI: resgatando nossa história, fortalecendo nossa identidade**

O Festival Jeli será a 3ª edição de um evento anterior, o Encontro Jeli organizado pelo Diretório Acadêmico Charles Darwin e nessa edição o Encontro Jeli ganhará característica de um festival cultural que visa promover discussões sobre decolonialidade, educação antirracista, igualdade racial e relações étnico-raciais.

O objetivo foi criar um espaço seguro para compartilhar experiências relacionadas ao racismo e outras opressões, fortalecendo a identidade e autoestima das pessoas. Foi realizado durante o Mês da Igualdade e contou com atividades como roda de conversa, oficinas, parcerias com entidades que promovem ações afirmativas, exibição de filmes, mostras de artes produzidas durante o festival e

festival de música para celebrar a diversidade.

A criação desse evento oportunizou a comunidade acadêmica e externa participar, construir e fortalecer um evento com temática tão restrita na universidade. Utilizar os editais de fomento à cultura e extensão são meios de alcançar os objetivos de forma mais efetiva e possibilita a utilização de recursos.

## DISCUSSÃO

A partir das reflexões realizadas ao longo deste trabalho, é possível concluir que a escrevivência revelou-se uma abordagem metodológica potente para a compreensão da minha trajetória no curso de Ciências Biológicas como mulher negra e para desvelar as transformações necessárias no campo científico e contribuir para a construção de uma sociedade equitativa e afrocentrada. Ao descrever meu ingresso na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), notei a importância da representatividade e identidade negra nesse processo, percebi a necessidade de reconhecer meu potencial e subverter expectativas impostas a mim.

A escrevivência, como ferramenta de análise e autoconhecimento, permeou meu percurso, permitindo-me uma compreensão mais profunda sobre minha identidade e reafirmando a importância da representatividade negra.

Enquanto discente negra vivenciei a importância de abordar temáticas étnico-raciais amplamente no ensino, pesquisa e extensão. É fundamental promover uma educação libertadora, na qual as vozes e perspectivas das diversas etnias sejam ecoadas. Isso significa oferecer disciplinas, atividades e eventos que discutam as desigualdades históricas e contemporâneas, bem como fomentar pesquisas que investiguem o impacto do racismo em diferentes contextos sociais, incluindo a Ciência.

Acredito na importância das condições de permanência na universidade para permitir a participação ativa e a construção coletiva da instituição. Acesso a recursos, apoio financeiro, moradia estudantil e políticas de assistência contribuem para o desenvolvimento acadêmico. É essencial criar políticas públicas que garantam a permanência dos estudantes, considerando suas necessidades socioeconômicas, culturais e emocionais, investindo em bolsas, auxílios e suporte psicossocial. Assim, a universidade se tornará um espaço democrático, promovendo ensino, pesquisa, extensão e assistência estudantil para o avanço do conhecimento e do impacto social.

A consciência racial que adquiri durante minha trajetória, impulsiona-me a continuar trilhando meu caminho focado em decolonizar e aquilombar, por meio de trocas e questionamentos constantes aos padrões eurocêtricos ainda presentes no sistema educacional e na formação docente.

## REFERÊNCIAS

EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo: minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra. Nexo Jornal, maio de 2017. Entrevista concedida à jornalista Juliana Domingos de Lima. Disponível em: <[Conceição Evaristo: „minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra” | Nexo Jornal](#)>. Acesso em: 18 abr. 2023.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. Scripta, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365>>.

EVARISTO, Conceição. Poemas da recordação e outros movimentos. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FIDELIS, Miriam. Blá Blá PET. Espírito Santo. 30 de maio de 2020. Instagram, petbiologiaufu. Disponível em: < <https://www.instagram.com/reel/CCgc-zvFTUB/> >.

FIDELIS, Miriam. PET LÊ IGTV. Espírito Santo. 03 de junho de 2020. Instagram, petbiologiaufu. Disponível em: < <https://www.instagram.com/reel/CA-h8NqDHDX/> >.

HOOKS, bell. Intelectuais negras. Tradução de Marcos Santarrita. In: Revista Estudos Feministas, 1995. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465/15035>> Acesso em: 10 fev. 2023

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, p. 244, 2019.

LORDE, Audre. Irmã Outsider: Ensaios e Conferências. Tradução por Stephanie Borges. 1. ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In S.Castro-Gómez & R.Grosfoguel(Orgs.). El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global, p. 127-167. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar/Universidad Central-IESCO/Siglo del Hombre Editores, 2007.

MARINHO, Jéssica. Silêncios e rompimentos da mulher negra, 2020. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/silencios-e-rompimentos-da-mulher-negra/>>. Acesso em: 4 jun. 2023.

MC CAROL. Não foi cabral. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=XchG\\_QRQ6Rc](https://www.youtube.com/watch?v=XchG_QRQ6Rc). Acesso em: 06 jun. 2023.

NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. In:

RATTS, Alex. Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Instituto Kuanza, p. 117-125, 2006.

QUIJANO, Anibal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales, p. 2011-246. CLACSO, 2000.

GOMES, Nilma Lino. Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Autêntica Editora, 2019.

SILVA, Nádia Maria Cardoso. Universidade no Brasil: colonialismo, colonialidade e descolonização numa perspectiva negra. Revista Interinstitucional Artes de Educar, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, p. 233-257, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.12957/riae.2017.29814>>. Acesso em: 25 mai. 2023.

SOUTO, Stéfane . Aquilombar-se: Insurgências negras na gestão cultural contemporânea. METAMORFOSE ARTE, CIÊNCIA E TECNOLOGIA , v. 4, p. 132-145, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/metamorfose/article/view/34426>

TRUTH, Sojourner. E não sou uma mulher? 2014 <http://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/#gs.h8jBXJA> - Acesso em 13 mai. 2023.